

HISTÓRIA E POESIA NO MUNDO ATLÂNTICO: AGOSTINHO NETO E OLIVEIRA SILVEIRA (1941-1979)

Elio Chaves Flores

Programa de Pós-Graduação em História
Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros
Universidade Federal da Paraíba

Se a Negritude não foi um impasse, é porque ela levava além. Aonde ela nos levava? Ela nos levava a nós mesmos. E de fato, era – após uma longa frustração –, era a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a fulguração intermitente do nosso possível devir.

Aimé Césaire. *Discurso sobre a Negritude*, 1987.

O presente trabalho trata das representações históricas e estéticas que poetas africanos e afrobrasileiros conceberam sobre a África negra no decorrer do século XX. Do lado de cá do Atlântico Oliveira Silveira participou do Movimento Negro Unificado (1978) e se constituiu como o poeta do quilombismo. Do lado de lá, Agostinho Neto se situou, desde a década de 1940, como o poeta da negritude. Assim, inaugura-se uma temporalidade em que a poesia negra se defronta com as décadas da descolonização africana e passa a refletir sobre os dois lados do Atlântico (a África e a Diáspora).¹ As representações históricas da África e da Diáspora são analisadas a partir da linguagem poética de Agostinho Neto e Oliveira Silveira numa perspectiva comparatista. A hipótese assumida nessa reflexão é de que a “documentação estética” – nesse caso a poesia – responde por uma notável síntese do que se vem discutindo sobre linguagens historiográficas. Também parece notável que a poesia tenha sido, tanto para o movimento negro no Brasil quanto para a emancipação política da África, a linguagem mais radical de luta contra o colonialismo e o racismo contemporâneos. O aporte metodológico se baseia nas obras *Sagrada Esperança* (1963), de Agostinho Neto; e, *Banzo, Saudade Negra* (1970), de Oliveira Silveira; e, do ponto de vista teórico, procura

¹ A minha referência temporal, 1941, expressa o nascimento de Oliveira Silveira no Rio Grande do Sul (Brasil) assim como os últimos anos da formação secundária de Agostinho Neto em Luanda (Angola) que, em 1944, embarca para Portugal a fim de realizar estudos superiores. A outra referência, 1979, marca a morte de Agostinho Neto, então presidente da República Popular de Angola, desde 1975; e, no caso de Oliveira Silveira, é significativa sua presença no Movimento Negro Unificado (MNU) e atuação jornalística no jornal *Tiçã* (1978-1980). O projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq, do qual esse texto é tributário, trabalha com uma temporalidade mais longa e com uma documentação poética ampliada: *Margens do Atlântico: intelectuais africanos e afrobrasileiros (1945-1995)*. CNPq/UFPB/PPGH/NEABI, 2010-2012.

dialogar com as análises e categorias de Alfredo Bosi (poesia-resistência)² e de Roberto Pontes (poesia insubmissa).³

Os trinta anos decorridos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrocada do império português na África (1945-1975) são marcados pela universalização da poesia negra (africana e diaspórica). No início da década de 1940, Agostinho Neto, nascido no ano de 1922, nas proximidades de Luanda, já se encontrava no coração do império, em Lisboa, na visada de libertar Angola pelas armas da poesia; nessa mesma simultaneidade temporal, Oliveira Silveira nascia numa área rural de fronteira, no sul do Brasil, entre o Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai. Agostinho Neto e Oliveira Silveira, embora não fossem coetâneos, se tornaram contemporâneos dos grandes acontecimentos que marcariam a África negra e as Áfricas vivas do continente americano nas décadas seguintes. Isso posto e saltando em larga medida o biografismo e os encerramentos literários vamos encontrar Agostinho Neto como um poeta ativista que publica poemas em revistas e boletins e depois verte-os para as primeiras antologias em meio a perseguições, prisões e assassinatos praticados pelo fascismo português às comunidades angolanas independentistas.⁴ Em situação política não muito diferente no Brasil, com assassinatos de líderes camponeses e prisões em massa de operários, estudantes e intelectuais, vamos encontrar Oliveira Silveira, na década de 1960, identificando-se afro-gaúcho, fazendo política numa escola secundarista na cidade de

² Alfredo Bosi faz uma rica exposição acerca dos tipos de poesia-resistência (poesia-metalíngua, poesia-mito, poesia-biografia, poesia-sátira, poesia-utopia). Por “metalíngua” entende-se uma forma de relatar o momento vivo da consciência que aponta resíduos mortos da retórica, antiga ou moderna. Já a língua mitopoética tenta reviver a grandeza heróica e sagrada dos tempos passados, unindo lenda e poema. A poesia satírica utiliza-se da sátira como modo de resistir, unindo-se também à paródia que apresenta uma escrita ambígua. A poesia-utopia representa uma escrita fora do tempo, com uma imaginação criadora. A poesia política representa a luta de um povo em determinada época, em busca de seus ideais. BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo na Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 163-227.

³ Outra categoria importante para a análise dessa documentação poética foi desenvolvida por Roberto Pontes, “poesia-insubmissa”, a partir dos textos poéticos de José Gomes Ferreira (Portugal), Carlos Drummond de Andrade (Brasil) e Agostinho Neto (Angola). O autor destaca que poucos críticos literários se voltaram para estudar em específico o fenômeno da poesia insubmissa. Para tanto, é necessário utilizar-se como fonte para uma análise teórica desse tipo de narração poética, as palavras dos próprios poetas. A partir desse posicionamento e inspirado na poesia de Pablo Neruda – *a poesia é uma insurreição* –, Roberto Pontes formula a expressão inovadora nos estudos teóricos, invertendo a ordem eurocêntrica do discurso ao elevar a africanidade como o lugar primeiro dessa insubmissão narrativa, dando título à sua própria obra. Ver PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Fortaleza: Editora UFC, 1999, p. 15-52.

⁴ *Quatro Poemas de Agostinho Neto* (Póvoa de Varzim: Tip. Frasco, 1957) e *Poemas* (Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1961).

Porto Alegre, onde escreve algum poema para o jornal do grêmio estudantil e, poucos anos depois, saem à lume as suas primeiras antologias germinantes e regionais.⁵

Esses primeiros bordados comparativos demonstram a temeridade do método, mas não nos impedem de seguir adiante, visto que a perspectiva comparatista deve mesmo começar pelos meandros de uma temporalidade difusa cujos lugares sociais de Agostinho Neto (1922-1979) e Oliveira Silveira (1941-2009) afiguram-se muito mais complexos do que nesse primeiro momento são apresentados.⁶ Se o historiador senegalês Cheikh Anta Diop foi capaz de fazer um rigoroso estudo comparado dos sistemas políticos e sociais da Europa e da África na perspectiva da longa duração, não nos parece tanto arriscado estudar dois poetas (um angolano e outro negro-brasileiro) cujas aproximações mais evidentes se situam na identidade negra que se mostra ao mundo pela linguagem da negritude.⁷ Podemos ver isso a partir de duas de suas principais obras poéticas escolhidas como aporte metodológico para as nossas reflexões historiográficas.

A arqueologia da obra mais densa de Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*, apresenta algumas peripécias: a primeira edição foi publicada na Itália, no ano de 1963, momento de exílio do autor nesse país; quase ao final da década, em 1968, foi publicada uma edição bilíngue em português e servo-croata, na capital da então Iugoslávia, Belgrado; outra edição foi publicada em Argel, capital da Argélia, em 1969, sob a responsabilidade editorial do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); na década seguinte, a obra apareceu em português com edições sucessivas em Lisboa e Luanda no exato contexto da independência do país e início da edificação da República Popular de Angola, com seus incontornáveis retoques do marxismo-leninismo e

⁵ Na década de 1960 Oliveira Silveira publicou *Germinou: poemas* (Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1962) e *Poemas Regionais* (Porto Alegre: Edição do Autor, 1968).

⁶ No plano contextual é importante situar “Agostinho Neto e a geração literária de [19]40”, In: MATA, Inocência e PADILHA, Laura. (Coord.). *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, p. 53-70, com importante anexo sobre a sua “produção ensaística” entre 1946 e 1953; LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 91-99; no mesmo diapasão, para Oliveira Silveira, encaminho o leitor ao prefácio de CAMARGO, Oswaldo de. Oliveira Silveira, um poeta singular. In: SILVEIRA, Oliveira. *Poemas: antologia*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009, p. 9-15; e, ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. (Orgs.). *História do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007, p. 33-34; 131-34; 188-90.

⁷ O método comparativo de Cheikh Anta Diop é melhor experimentado na obra *L’Afrique Noire Pré-Coloniale: comparaison des structures politiques et sociales de l’Europe et de l’Afrique de l’Antiquité aux Etats actuels* (Présence Africaine, 1960). Diop é também responsável pela primeira abordagem africanista do passado africano e de uma profunda “ruptura epistemológica” com o eurocentrismo. Ver o ensaio de KEITA, Boubacar Namory. *Cheikh Anta Diop – Contribuição endógena para a escrita da história do continente*. Luanda: Editorial Nzila, 2008.

influência soviética na geopolítica da África centro-ocidental; foram assim que os poemas agostinianos puderam ser lidos em várias traduções no “leste europeu”, ainda na década de 1970, como a russa, búlgara, romena, polonesa, letã, usbeque, húngara e tcheca; como se acontecer com o nosso racismo editorial, a obra seria traduzida para o português brasileiro apenas na década seguinte, em 1985, com o selo comemorativo dos dez anos da independência de Angola, na importante coleção “autores africanos” da Editora Ática.⁸

A obra de Oliveira Silveira aqui analisada, *Banzo, Saudade Negra*: poemas, teve a primeira edição sob responsabilidade do próprio autor, em 1970, tendo participado no ano anterior da Bienal dos Escritores, pois está gravado na folha de rosto da edição referida o seguinte dístico: “menção honrosa da União Brasileira dos Escritores em 1969”; no total são trinta e cinco poemas, três a mais dos originais enviados para o concurso, muitos deles se desgarraram dessa singela edição tipográfica e se estabeleceram como poesia afro-gaúcha em várias antologias em português, espanhol e inglês nas décadas seguintes; quase quatro décadas depois, no ano final do seu autor, em 2009, dezoito desses poemas seriam republicados numa obra definitiva de Oliveira Silveira, organizada por amigos e amigas, com seleção e prefácio de Oswaldo de Camargo, que a intitulou soberanamente de *Poemas*: antologia.⁹

A nossa opção teórica pela historiografia comparatista, na qual o historiador Marc Bloch também é uma referência, sugere que abordemos a documentação poética em sua dupla acepção: a dualidade documental, buscando aproximações e parentescos simbólicos; e, a unidade discursiva, na qual a cultura histórica negra exprime a força da linguagem poética. Marc Bloch enfatiza que “não há conhecimento histórico verdadeiro sem uma certa escala de comparação”. Essas aproximações para Bloch dizem respeito

⁸ A obra *Sagrada Esperança* (São Paulo: Ática, 1985) contém poemas feitos entre os anos de 1945 e 1960. A coleção “autores africanos” foi publicada pela Editora Ática na temporalidade de 1979-1991, com um total de 27 títulos, tornando-se um dos raros casos de aproximação literária de uma grande empresa editorial brasileira com o universo intelectual africano do século XX. O livro de Agostinho Neto foi o 15.º da coleção, sendo o único de poesia que contou, entre outros autores, com alguns clássicos das escritas africanas como Pepetela, Chinua Achebe, Sembène Ousmane e Djibril Tamsir Niane. Ver RIBEIRO, Maria de Fátima Maia; SOUZA, Josineida Mendes Eloi de. De silêncios e memórias: a coleção “autores africanos” e a legitimação das literaturas africanas no Brasil. In: *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 07 a 10 de agosto de 2010. http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308346803_ARQUIVO_TextoConlab.pdf Acesso: 10 Jun 2012.

⁹ A primeira edição de *Banzo, Saudade Negra*: poemas (Porto Alegre: Edição do Autor, 1970) contém 52 páginas, abre-se com o poema “Parte da crônica” e encerra-se com “Três guerreiros negros”. Os poemas foram escritos na conturbada década de 1960. Ver também a menção de republicação em SILVEIRA, Oliveira. *Poemas*: antologia. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009, p. 23-38. Nessa edição parcial, o poema de abertura é o mesmo, mas o que a encerra é “Queime, menino, queime”.

“a realidades ao mesmo tempo diversas e não obstante aparentadas”.¹⁰ Trata-se de perceber em que medida os vínculos africanistas e diaspóricos se inscrevem e se manifestam entre o ser negro e o ser africano na conjuntura das margens atlânticas.¹¹ Assim, apresentamos o poema “Civilização ocidental”, de Agostinho Neto, e “Só quando”, de Oliveira Silveira. No primeiro, a demonstração material da civilização ocidental é associada ao mundo do trabalho que desumaniza o africano: “Latas pregadas em paus/fixados na terra/fazem a casa” e “Os farrapos completam/a paisagem íntima”. A denúncia de “doze horas de trabalho escravo” alude ao presente histórico cuja esperança é anunciada ainda como impossível, mas trata-se de uma impossibilidade que denuncia o próprio colonialismo no mundo do trabalho:

Britar pedra
 acarretar a pedra
 britar pedra
 ao sol
 à chuva
 britar pedra
 acarretar pedra

 A velhice vem cedo

 Uma esteira nas noites escuras
 basta para ele morrer
 grato
 e de fome (NETO, 1985, p. 31).

No segundo poema, ver-se-á que o “eu lírico” ao mesmo tempo em que denuncia as relações sociais de tipo colonial e de escravidão aponta para o colonizador (a civilização ocidental) e sugere a possibilidade de transformação das condições de existência, isto é, as algemas ainda podem ser quebradas:

Só quando se houver completamente
 apagado em nosso ser
 o mal que nos fizestes
 as nódoas que imprimistes
 no punho – algemas
 nos pés – grilhões
 no dorso – látigo
 no rosto – cuspe
 no ouvido – gritos
 palavras de nojo e desprezo
 e em nossa memória o passado
 com que nos marcastes a fundo... (SILVEIRA, 1970, p. 38).

¹⁰BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 65.

¹¹SANTOS, Rubens Pereira dos. A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude. Diálogo com a poesia brasileira. In: *Revista África e Africanidades*. Ano 2. N.º 6. Agosto 2009. www.africaafricanidades.com Acesso: 20 Mar 2011.

Com efeito, somente as trocas simbólicas poderão, não com absoluta segurança, permitir uma saída para a condição colonial e isso pode ser feito trocando-se, entre outras coisas, “lembranças por olvido”, “escarro por riso” e “algema por liberdade”. Entretanto, para que isso aconteça, será necessária a dura experiência do embate com as mesmas armas do colonizador cuja resolução da história colonial não se afigura garantida, mas aberta no seu devir. Citemos o desfecho da linguagem poética:

Só quando nos cansarmos de saber
responder ao passado com lembrança
à algema com algema
aos ferros com grilhões
aos gritos com o berro
ao látigo com o relho
ao cuspe com o escarro
ao nojo com desprezo...

Só quando não mais estivermos
condicionados a vós
e sim de novo plenamente donos
de nossa condição
só então

é possível

quem sabe?

talvez... (SILVEIRA, 1970, P. 39).

Lado a lado, os dois poemas se afiguram denunciativos do que foi e do que está sendo, estão, portanto, imersos na história e, para além da própria história, parecem corroborar a assertiva de Sartre sobre advento da poesia negra contemporânea ao descobrir-se branco e europeu desafortunado depois da Segunda Guerra Mundial: “Se ao menos esperássemos recobrar algo de nossa grandeza aos olhos domésticos dos africanos. Porém não há mais olhos domésticos: há olhares selvagens e livres que julgam a nossa terra”. Ora, é de uma poesia negra que Sartre está falando ao replicar que ela “não é satírica nem imprecatória: é uma tomada de consciência”.¹² Para os dois poemas, “Civilização ocidental” e “Só quando”, já se tratam de consciências protagonistas imersos naquilo que Alfredo Bosi definiu como “os andaimes da estrutura colonial” ou mesmo a “violência da história da colonização”.¹³

¹² SARTRE, Jean-Paul. Orfeu Negro. Prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* [1948]. In: *Reflexões sobre o Racismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1978, p. 90, 92. A tradução no Brasil do prefácio de Sartre ao livro organizado pelo senegalês Leopold Senghor não deixa de ser expressivo do nosso “racismo editorial”, pois parece ter sido raro na história editorial das línguas ocidentais se traduzir apenas o prefácio e não a obra, especialmente quando se trata de uma antologia de poesia negra contemporânea.

¹³ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 26-37.

Busquemos agora as imagens da África, travessia e diáspora. Essas imagens estão concatenadas nos poemas “Confiança” e “Parte da crônica”. São construções poéticas que interpelam os historiadores de ofício e os documentos oficiais. As citações serão longas para que o leitor possa desfrutar da literariedade, a função poética para teoria da literatura, sem descuidar da fruição documental, a unidade discursiva do campo historiográfico:

O oceano separou-se de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo

Na minha história
existe o paradoxo do homem disperso

Enquanto o sorriso brilhava
no canto de dor
e as mãos construía mundo maravilhosos

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas
a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante

E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão (NETO, 1985, p. 41).

A abertura do poema menciona o oceano (a dolorosa partida, o espaço e o tempo condensados na vivência) e isso tudo vive, historia-se, ou melhor, existe no paradoxo da humanidade negra dispersa (a África e os africanos dispersos pela longa travessia). Na América (ou nas Américas) enquanto se gestavam outras certezas o drama familiar se intensificava nas vidas úteis e laboriosas. Com efeito, essa epifania da dor e do transtorno laboral não deixou de construir os alicerces das “Áfricas vivas do Novo Mundo”.¹⁴ Por isso mesmo, a exigência judicativa e a confiança dessas mãos alicerçadoras: “mereço o meu pedaço de pão”.

¹⁴ A expressão é do historiador francês Fernand Braudel que, em 1963, reconhecia o fato “importante para o mundo negro atual, de que existem hoje Áfricas vivas no Novo mundo”, pois “fortes núcleos étnicos se desenvolveram e perpetuaram-se até nossos dias no norte e no sul da América”. BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 140. Bastide cunhou a expressão “as Américas negras” que deu título a um de seus livros, cujo último capítulo traça “os caminhos da negritude”. BASTIDE, Roger. *As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo:

No poema de Oliveira Silveira, “o paradoxo do homem disperso” também ganha contornos da história da diáspora negra, pois se o oceano espalha a gente africana no Novo Mundo serão os fios de africanidades que lhes restituem a certeza de uma história, ainda que trágica, mas compartilhada nos labores cotidianos ao condensar o espaço-tempo, pois é o presente que precisa ser reparado. Aliás, se há alguma máxima na história é exatamente esta que está presente tanto num poema quanto no outro: é o presente que interroga o passado e incomoda o sono ensandecido dos escravizadores, travestidos no século XX de “civilizadores”. O poema “Parte da crônica” se constitui numa espécie de prefácio ao banzo, conceito narrativo e evocativo das representações africanas na Diáspora da saudade negra:

Contem, costas d’África,
a história dos que eram
nas florestas e savanas
pássaros num céu
azul sem obstáculos...

– É a história dos que tinham
o direito de ter
seu ninho, seu bando e horizontes
para suas asas de ébano.

Conta, Oceano Atlântico,
a história dos traídos
a história dos que partiram
em navios de jamais...

(...)
Conta, Oceano Atlântico,
a história dos roubados
a história dos que foram
em barcos de não mais...

(...)
Conta, Mississipi,
rio da terra má,
tudo que sabe dos desamparados...

(...)
Contem, cais de porto, logradouros,
a história dos vendidos...

(...)
– Escravo forte e são
para todo trabalho de mão.
– Escrava preta-tição
para acender patrão.
– Preto velho de muita ciência
conhece lavoura e doença.

Esta, hábil e maternal,
para mãe-preta ou cozinhar (SILVEIRA, 1970, p. 5-8).

A evidência contundente de “Parte da crônica” é que o poeta-cronista apela para a cultura material, os signos dos monumentos/documentos escandidos nas margens oceânicas de onde saíram e para aonde chegaram os africanos diaspóricos. A travessia com suas marcas profundas não é suficiente para explicar a escravidão e sim o tráfico, “a história dos vendidos...”. E o tráfico não é um fim em si mesmo, apesar de ser o “infame comércio”, ele na verdade reproduz historicamente a exploração da experiência civilizatória dos africanos nas novas terras, “o trabalho de mão, lavoura e ciência”. Há, na materialidade da geografia caminhada, o testemunho dos lugares, eles podem narrar toda essa história: contam costas da África, contam oceano Atlântico, contam Mississipi. Ao final, a invocação documental – também se pode dizer monumental se lembrarmos da tese benjaminiana – se afigura como um imperativo linguístico, quando são apontadas as territorialidades do mundo colonial:

Contem, lavouras ianques
antilhanas
brasileiras,
a história dos rurais...

– Ninguém se lembrou de que
poderiam manchar o algodão
com sua presença escura.
Que poderiam sujar o açúcar
estragá-lo
com sua vida amarga.
Ou corromper o verde milharal
com seu viver sem esperança.
Isto porque suas mãos
eram um ouro áureo de carvão (SILVEIRA, 1970, p. 8).

Nesse caso a economia política da escravidão não é simplesmente explicada pela abstração econômica dos níveis de exportação de açúcar ou da chegada dos navios negreiros. As lavouras podem ser nomeadas: são ianques, brasileiras e antilhanas. A história colonial perde a sua abstração conceitual para ser visibilizada na “história dos rurais”, pois é disso que se trata, do camponês africano como produtor de cultura e civilização nas Américas. Será essa “presença escura” a plantar e colher o algodão, a plantar, colher e industrializar o açúcar, que também cuidará do milharal. Essa “história

dos vendidos...”, essa “história dos roubados” não deixa de ser a história a contrapelo das narrativas “científicas” da colonização e do eurocentrismo.¹⁵

Como foi possível acompanhar, os dois poemas finalizam o “drama intenso” do mundo do trabalho, sem pão e sem liberdade, cujas mãos construtoras ergueram a economia política e os monumentos da modernidade atlântica, daí que “nossas mãos” colocaram “pedras nos alicerces do mundo” como sustenta Agostinho Neto e “nossas mãos” foram e continuam sendo “ouro áureo de carvão” na acepção de Oliveira Silveira. A virada da linguagem poética vai do lamento de uma história verídica e muito mal contada revirada por essa “parte da crônica” manejada tanto pelo “sujeito étnico negro-brasileiro” quanto pelo “sujeito étnico africano” que exigem (consciência crítica) o direito sagrado do alimento e o fim do cinismo racial.¹⁶

Quando passamos para poemas que ressaltam a negritude como fator de identidade essa perspectiva pode ser associada ao direito ao passado (no caso brasileiro) e o presente roubado (no caso angolano). Nesse caso, vamos trabalhar com poemas cujas sínteses expressam a contraface do discurso racialista. Os poemas “Saudação”, “Consciencialização” e “Na pele do tambor”, de Agostinho Neto, escritos no início da década de 1950 são expressivos da invocação negritudinista. A abertura do primeiro é alusiva ao destinatário negro: “A ti, negro qualquer/meu irmão do mesmo sangue/Eu saúdo”. Parece evidente no seguimento do discurso literário que o “negro qualquer” é aquele morador dos campos e florestas, o transeunte das ruas, o morador das “sanzalas”, aqueles que se juntam para “esquecer a nudez e a fome dos filhos”. Trata-se de uma condição social da qual a negrura é condição de “classe e raça” e, por isso, o chamamento, “Esta é a hora de juntos marcharmos/corajosamente/para o mundo de todos/os homens”, para enfatizar a saudação cuja invocação remete a uma voz unificadora: “ó negro-qualquer das ruas e das sanzalas do mato” (NETO, 1985, p. 46-7). Em “Consciencialização” a voz do poeta observa as narrativas e emite a boa nova para

¹⁵ A expressão poética de Oliveira Silveira, “a história dos roubados...”, não deixa de permanecer em consonância com a recente discussão historiográfica sobre como “o passado é conceituado e apresentado de acordo com o que aconteceu na escala provincial da Europa”. Ver GOODY, Jack. *O Roubo da História*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

¹⁶ O “sujeito étnico” e a historicidade literária são discutidos por Cuti na seguinte acepção: “A literatura nos traz a história emocionada, não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que os personagens ou os ‘eus’ líricos são dotados na obra. Assim, os escritores negro-brasileiros vão se posicionar também no tempo para instaurar no seu trabalho o ponto de enfoque literário. (...) Na releitura emocionada da história, escritores negros vão estabelecer uma forte empatia com outros negros, constituindo com eles a noção de coletivo”. CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 93-94. Para uma leitura seminal de dois escritores negros pós-abolição ver, do mesmo autor, *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

todos: “A História está a ser contada/de novo”, não sem a batalha de se constituir como protagonista da negritude: “me regresso África/para mim/com os olhos secos” (NETO, 1985, p. 49).¹⁷ Com, efeito é “Na pele do tambor” que Agostinho Neto lança o manifesto para a emancipação política da África e particularmente de Angola. O poema, datado de 1953, indica as “mãos violentas” que “insidiosamente batem no tambor africano” e se preparam para “vibrações sanguinolentas” diante da “impureza criminosa dos séculos coloniais”. Essa África humana, da humanidade negra (negritude) é que se levantará para a emancipação. De modo que é o ritmo do tambor africano é que assegura o compasso da revolução africana:

As mãos entrelaçadas sobre mim
em gozo de vida em gargalhadas em alegrias
de lagos libertados por amplos verdes
para os mares
dão-me o tom da minha África
dos povos negros do continente que nasce

fora dos abismos escurecidos da negação
ao lado de ritmos de dedos congestionados
sobre a pele envelhecida do tambor
dentro do qual vivo e vibro e clamo:
avante! (NETO, 1985, p. 64-5).

Essa África negra, assim nomeada pelos colonizadores, que por racismo lhe negaram os valores civilizatórios de uma longa duração, essa África negra agora nasce de sua própria negritude, cuja história havia sido roubada pela filosofia hegeliana acusando-a de permanecer “fora da história universal”, na obscuridade da razão e do conhecimento. Talvez seja por isso que Aimé Césaire tenha dirigido à razão ocidental alguns versos de seu forte poema de 1939: “Escuta o mundo branco/horrivelmente tasso de seu imenso esforço/suas articulações rebeldes estalando sob estrelas duras/sua inflexibilidade d’ aço azul varando a carne mística/escuta suas vitórias prodtórias a trombetear suas derrotas/escuta nos álibis grandiosos seu miserável estertor/Piedade para nossos vencedores oniscientes e ingênuos”¹⁸. Aqui a estética hegeliana e a escritura ocidental são desmascaradas por um discurso que é ao mesmo tempo dialético e

¹⁷ A metáfora dos “olhos secos” é, talvez, a mais incisiva na poética agostiniana e o seu poema “Criar” é um dos mais citados e analisados pelos críticos e pesquisadores literários. Essa força de “criar paz sobre o choro das crianças” passa a ser indicativa de que, diante do colonialismo e do racismo, seria preciso superar a “lágrima do contrato”. Desde o início, o ato da criação não deixa de ser a materialidade da própria poesia: “Criar criar/criar no espírito criar no músculo criar no nervo/criar no homem criar na massa/ criar/criar com os lhos secos”. NETO, 1985, p. 100-101. Também publicado em NETO, Agostinho. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976, p. 30-31.

¹⁸ CÉSAIRE, Aimé. Cahier d’un retour au pays natal. In: SENGHOR, Leopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* [1948]. Paris: PUF, 2005, p. 57-62. A citação corresponde à tradução constante em SARTRE, 1978, p. 91.

poético: o eurocentrismo é tese (o discurso de si mesmo); o racismo é antítese (o discurso de si sobre o outro); a negritude é síntese (a negação da negação). Menos do que com a ontogênese branca o debate da negritude será sempre interpelar a “história da consciência histórica ocidental”.¹⁹ Portanto, ainda retomando a poética de Césaire, “vivam aqueles que nunca inventaram nada, aqueles que nunca exploraram nada, aqueles que nunca domesticaram nada”.

Os poemas “O negro de fogo”, “Banzo” e “Vai, vai para o mar”, de Oliveira Silveira, escritos na década de 1960, compartilham com os de Agostinho Neto os mesmos fundamentos da negritude elegíaca. No primeiro poema, o autor canta o negro que “incendiou o futebol, o samba, a rumba, a conga, o spiritual e o coração das mulheres”. Logo em seguida, Oliveira Silveira liga as duas margens do oceano Atlântico no jogo político entre racismo, colonialismo e as vozes da negritude, continentais e diaspóricas:

O negro de fogo
incendiou a União Sul-Africana
e lançou fósforo aceso
sobre os Estados Unidos
(que assim não era possível).

O negro de fogo
pôs labaredas (não era possível)
nos organismos internacionais.

O negro de fogo
(assim não era possível)
atou num poste e jogou na fogueira
o ditador português
e Sua Majestade Britânica (SILVEIRA, 1970, p. 20-21).

Percebe-se que as referências às lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos estão em consonância com as lutas angolanas contra o colonialismo português e contra a supremacia branca na África do Sul. Essa é a história que arde, é o tempo presente, diante do “negro de fogo”. A apoteose poética congratula negritude e liberdade nos versos que encerram o canto: “E assim – queimadas a gaiola, a grade/purificado o ar e limpo o céu –/entoou com voz azul/seu canto de liberdade”. Pode-se classificar esse

¹⁹ Veja-se a reflexão de Reis: “Todas as piores ações europeias e americanas, de meados do século XIX até hoje, buscaram e buscam em Hegel os seus argumentos. Ele é o criador do discurso que atenua ou até elimina o caráter violento dessas ações ao oferecer-lhes uma direção e sentido. Hegel é visto por muitos como o ditador do pensamento ocidental, pois irrefutável. O mundo ocidental contemporâneo sem a filosofia da história hegeliana seria absurdo! Com ela, mesmo absurdo, é pleno e saturado de sentido. Aliás, do ponto de vista ocidental, é o único sentido possível da história universal”. REIS, José Carlos. *História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 71.

poema de jacobino na acepção revolucionária da palavra, isto é, como uma prática emancipatória compatível com o legado da primeira revolução negra no mundo diaspórico.²⁰ Já no poema “Banzo” a reminiscência do autor se dirige aos “amigos e amigas de cor” cuja presença ele se encontra distante. A metáfora é uma distância de África que passa pela amizade livre “tempos depois de finda a escravatura”. Com efeito, é ao continente que o poeta busca a memória de um exílio histórico: “Por isso hoje me sinto como se/um navio negreiro me tivesse/arrancado de África” (SILVEIRA, 1970, p. 22).²¹

Entretanto, será no poema “Vai, vai para o mar” que Oliveira Silveira busca na historicidade africana o viés da negritude como fator de construção de uma identidade plena de sentido. Nesse caso se pode demonstrar que a poesia, aqui tratada como “documentação poética”, torna-se expressiva de uma linguagem historiográfica, afinal o poema conta a história a partir do lugar social da negritude:

Vai, vai para o mar, e olha para leste:
África em frente África puseste,
meu continente negro.

Eu te quero em minha casa, em meus braços
a selva toda em teus cabelos
toda a noite em tua pele
e todas as montanhas no teu busto
e todos os acidentes
geográficos no teu corpo
todas as feras nas tuas unhas
e o rio Congo nos teus olhos líquidos
todo o marfim dos elefantes
em teu sorriso branco
e todas as línguas nativas
nas palavras da tua boca.

Vai, e contempla o leste além do mar...
Eu te quero em minha casa, em meus braços,

²⁰ C. R. L. James cunhou a expressão “jacobinos negros” ao estudar a revolução negra ocorrida na colônia francesa de São Domingos no final do século XVIII que gerou o Haiti moderno. O seu livro, publicado pela primeira vez em 1938, logo se tornou um clássico do pensamento negro do século XX. Ver JAMES, C. R. L. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000. Apliquei esse conceito aos intelectuais afrobrasileiros que se organizaram em torno do Teatro Experimental do Negro (TEN) e do jornal *Quilombo* na década de 1940 até, pelo menos, 1968. Foram intelectuais como Abdias Nascimento, Guerreiro Ramos, entre outros, que construíram no Brasil o movimento da negritude. Discuto isso em FLORES, Elio Chaves. *Jacobinismo Negro: lutas políticas e práticas emancipatórias (1930-1964)*. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil*. Vol. I (A formação das tradições, 1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 493-537.

²¹ Há mais dois poemas que fortalecem a expressão do título do livro *Banzo, saudade negra*. Um é o poema “Banzo, lamento negro” que se inicia com o verso “Coisa mortal, estou voltado para leste”; outro é “Banzo e saudade” cuja primeira estrofe expressa o lado melancólico da Diáspora: “Banzo preto não é saudade prata/Saudade dói e maltrata/banzo róí, carcome e mata”. SILVEIRA, 1970, p. 27-28. Para Cuti, em vários escritores e poetas negros, entre os quais Oliveira Silveira, um dos fatores de identidade é a opção pelas “vias da história emocionada”. Ver CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*, p. 85-107.

minha África particular (SILVEIRA, 1970, p. 29).

Nesse poema, a morada da história, a casa da história está no leste do oceano Atlântico: é o continente negro agarrado em particular, isto é, na intimidade do corpo (braços, cabelos, pele, busto, unhas, boca). Essa casa é também subjetividade e expressividade (olhos líquidos, sorrisos, linguagens, palavras), pois ao se olhar para leste, além do mar, a “África em frente”, corpo presente, continente que queremos em nossa casa, em nossa alma diaspórica. Está ali a metáfora, em português, do “retorno ao país natal” de Aimé Césaire, agora traduzida pela negritude brasileira: “vai, vai para o mar”. Esse mar só poderia ser o “Atlântico negro”, não aquele dos séculos coloniais, da escravidão e da travessia, mas o Atlântico das “terras sentidas” e dos “tópicos de África negra”, dois poemas que tratam da conjuntura política que faz da negritude uma arma contra o colonialismo.²²

No poema “As terras sentidas” Agostinho Neto se debruça sobre a vivência dos africanos diante do duro fato colonial e de um presente cujo passado não cessa de se molhar nas águas de mais de um oceano: “As terras sentidas de África/nos ais chorosos do antigo e do novo escravo/no suor aviltante do batuque impuro/de outros mares/sentidas”. Inobstante, são “essas terras sentidas de África” que mais se inquietam diante de um oceano específico: “elas gritam o som da vida/gritam-no/mesmo nos cadáveres devolvidos pelo Atlântico”. Agostinho Neto pensa na “simples existência” onde o cotidiano da história se realiza na terra em parte roubada pelo fato colonial, por isso a reiteração e a evocação da vida cotidiana: “Elas vivem/as terras sentidas de África/porque nós vivemos/e somos partículas imperecíveis/das terras sentidas de África” (NETO, 1985, p. 118-19). No caso do poema de Oliveira Silveira, “Tópicos da África negra”, o autor contextualiza o ato racista do fato colonial, epigrafado pelo assassinato do líder congolês Patrice Lumumba: “África, Congo e Lumumba:/violada num órgão vital/mais um filho nutrido em seiva fértil/desarraigado de ti”. Assim

²² A definição clássica de negritude está em Césaire: “É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas”. Bem explicado, Césaire dissocia a expressão dos ataques racialistas: “Os cromossomos me importam pouco. Mas eu creio nos arquétipos”. CÉSAIRE, Amé. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 109. No Brasil, os estudos de Bernd são referenciais: BERND, Zilé. *A Questão da Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984; e, *O que é a Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988. No caso da “negritude de língua portuguesa”, ver LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas...* (p. 25-30). Para compreender a negritude no contexto do pan-africanismo e emancipações africanas, ver MAZRUI, Ali A. (Editor). *História Geral da África*. Vol. VIII (África desde 1935). Brasília; São Paulo: Unesco; Cortez, 2011, especialmente o capítulo 19, “O desenvolvimento da literatura moderna”, p. 663-96.

denunciado o assassinato como um grito diante do oceano, o poeta volta-se então para o enfrentamento e a defesa de uma prática emancipatória, de resistência e de insubmissão: “Torpor de séculos nos músculos/mover de braço/membros/corpo inteiro/terremoto/e te sacodes/expulsando os piolhos europeus”. Esses piolhos serão também definidos como “muquiranas/chupões/sugação/suga-sangue/sanguessuga”. Ao final, Oliveira Silveira, naquilo que estamos definindo como poética jacobina exorta os povos africanos à luta pela liberdade a partir de uma expressão bantu: “crispas limites/eriças bandeiras/ – isto é meu! –/e a palavra UHRU/mostra sua pele escura/fora da jaula em pedaços” (SILVEIRA, 1970, p. 42-43). Uhru (ou uhuru) não seria outra coisa que a definição de liberdade negra em “terras sentidas de África”.

No início desse trabalho assumimos a hipótese de que a “documentação estética” – a poesia de Agostinho Neto e de Oliveira Silveira – responde por uma notável síntese do que se vem discutindo como linguagens historiográficas. A perspectiva comparativa que situa as aproximações entre as “margens do Atlântico” mostra que foram recorrentes, nas obras dos dois poetas, categorias históricas então poetizadas como espaço africano, diáspora, mundo do trabalho, o direito ao passado, o presente roubado, racismo, escravidão e colonialismo. Também parece notável que a poesia tenha sido, tanto para o movimento negro no Brasil quanto para a emancipação política da África, a linguagem mais radical de luta contra o colonialismo e o racismo contemporâneos. Essa linguagem poética foi, tanto quanto possível, de resistência, insubmissa e jacobina em suas aproximações negritudinistas.

Referências

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. (Orgs.). *História do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- BASTIDE, Roger. *As Américas Negras: as civilizações africanas no Novo Mundo*. São Paulo: Difel, 1974.
- BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *O que é a Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo na Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CAMARGO, Oswaldo de. Oliveira Silveira, um poeta singular. In: SILVEIRA, Oliveira. *Poemas: antologia*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009, p. 9-15.

CARDIM, Calos Henrique e DIAS FILHO, Rubens Gama. (Orgs.). *A Herança Africana no Brasil e no Caribe*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/MARE, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. Cahier d'un retour au pays natal. In: SENGHOR, Leopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* [1948]. Paris: PUF, 2005, p. 57-62.

_____. *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FLORES, Elio Chaves. Jacobinismo Negro: lutas políticas e práticas emancipatórias (1930-1964). In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil*. Vol. I (A formação das tradições, 1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 493-537.

GOODY, Jack. *O Roubo da História*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

JAMES, C. R. L. *Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

KEITA, Boubacar Namory. *Cheikh Anta Diop – Contribuição endógena para a escrita da história do continente*. Luanda: Editorial Nzila, 2008.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MATA, Inocência e PADILHA, Laura. (Coord.). *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

MAZRUI, Ali A. (Editor). *História Geral da África*. Vol. VIII (África desde 1935). Brasília; São Paulo: Unesco; Cortez, 2011.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Poemas de Angola*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1976.

PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasílusa*. Fortaleza: Editora UFC, 1999.

REIS, José Carlos. *História da "consciência histórica" ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricouer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia; SOUZA, Josineida Mendes Eloi de. De silêncios e memórias: a coleção "autores africanos" e a legitimação das literaturas africanas no Brasil. In: *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 07 a 10 de agosto de 2010. http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308346803_ARQUIVO_TextoConlab.pdf Acesso: 10 Jun 2012.

SANTOS, Rubens Pereira dos. A poesia africana de língua portuguesa: compromisso com a negritude. Diálogo com a poesia brasileira. In: *Revista África e Africanidades*. Ano 2. N.º 6. Agosto 2009. www.africaeaficanidades.com Acesso: 20 Mar 2011.

SARTRE, Jean-Paul. Orfeu Negro. Prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* [1948]. In: *Reflexões sobre o Racismo*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SENGHOR, Leopold. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache* [1948]. Paris: PUF, 2005.

SILVEIRA, Oliveira. *Banzo, Saudade Negra: poemas*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1970.

_____. *Poemas: antologia*. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.